



## A morte que vale a pena ler

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras estuda a morte e o luto na Literatura, da Antiguidade às obras contemporâneas, há mais de 20 anos. Em parte por causa dos interesses dos estudantes, expandiu a pesquisa para outras artes, como a Arquitetura

e a Pintura, a exemplo do quadro “O primeiro luto” (1888), óleo sobre tela do pintor francês William-Adolphe Bouguereau (1825-1905). Além de ministrar disciplina especial no PPGL, já orientou 11 pesquisas de Mestrado e seis de Doutorado. Págs. 4 e 5

# Foco na formação política e pedagógica

## Projeto busca experiências formativas para construir uma visão de mundo crítica e perspectivas emancipadoras, tanto para estudantes quanto para a comunidade

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Entusiasta da educação libertadora e com toda sua trajetória acadêmica neste caminho, a professora Adriana Medeiros Farias (Departamento de Educação) aproveitou a confluência de experiências anteriores em pesquisa e extensão para criar o projeto “Núcleo Práxis Educativas Populares”, em execução há pouco mais de um ano. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp) e Pós-Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), ela integra o Fórum Paranaense de Educação de Jovens e Adultos e lidera o Grupo de Pesquisa em Educação, Estado Ampliado e Hegemonias (GPEH).

O projeto parte da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a fim de construir experiências educativas que criem uma aproximação e um diálogo entre os estudantes de Pedagogia e a comunidade, particularmente as escolas e os movimentos sociais e populares, assim como em assentamentos e acampamentos.

Como a professora explicou, tais iniciativas têm sido desenvolvidas há muito tempo. Num projeto de extensão anterior, que durou de 2013 a 2017, foi feito um trabalho com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), envolvendo não apenas a Pedagogia, mas a Comunicação, Medicina, Geociências, Biologia, História e Serviço Social. Entre outros produtos, o projeto anterior gerou um livro: “Diálogos formativos com o campo” (2019).

Já o Núcleo representa uma confluência das ações do Fórum de EJA, GPEH e ainda o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do Ministério da Educação. Como conta a professora, trata-se de fazer extensão com a comunidade, usando experiências formativas num trabalho coletivo e num diálogo entre Universidade e comunidade, propiciando assim uma formação crítica dos estudantes.

Para isso, o projeto adota uma perspectiva histórico-dialética e a pedagogia socialista. A primeira garante uma visão histórica das contradições da sociedade humana subjacentes às injustiças sociais. A segunda vê a escola e a educação como um espaço tanto de formação quanto de prática social, da realidade concreta

**O projeto adota uma perspectiva histórico-dialética e a pedagogia socialista. A primeira garante uma visão histórica das contradições da sociedade humana subjacentes às injustiças sociais. A segunda vê a escola e a educação como um espaço tanto de formação quanto de prática social, da realidade concreta**



“Uma formação política significa um posicionamento no mundo, uma concepção de mundo, de Humanidade e de educação. Conhecer práticas sociais é ter contato com um posicionamento claro das comunidades”, avalia a professora Adriana

burgueses. O suporte teórico vem de pensadores russos como Anton Makarenko, ou o italiano Antonio Gramsci, ou ainda os latino-americanos Oscar Jara (peruano radicado na Costa Rica), José Carlos Mariátegui (Peru), Rosa María Torres (equatoriana radcada na Argentina), e os brasileiros Paulo Freire (1921-1997) e Conceição Paludo (UFRGS), que morreu em maio deste ano.

### PRÁXIS

Na prática, que ações educativas o projeto desenvolve nas comunidades? Quase tudo: cursos, oficinas, produção de materiais, debates, palestras, lives, formações variadas. E o que ainda não foi feito já foi iniciado ou está nos planos, como criar conteúdos para redes sociais. A professora Adriana lembra da participação de outros cursos no projeto anterior, e já pensa neste, em que Veterinária, Agronomia e Comunicação, entre outros, podem atuar. Ela destaca a realização de formações para educadores, que já envolveu a APP/Sindicato e o CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos). Outro destaque da coordenadora

ria, Agronomia e Comunicação, entre outros, podem atuar. Ela destaca a realização de formações para educadores, que já envolveu a APP/Sindicato e o CEEBJA (Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos). Outro destaque da coordenadora

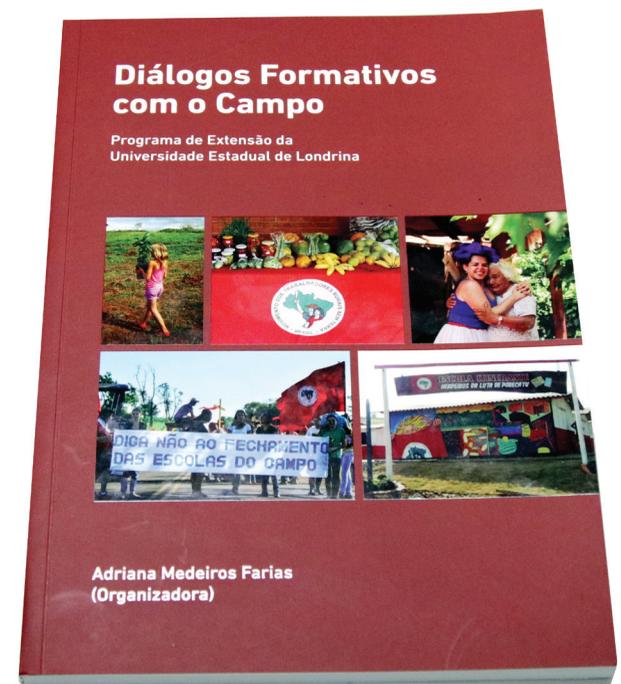
é o necessário debate sobre a chamada “empresarialização” da escola pública, ou seja, a imposição – ideológica, gerencial, etc. – da lógica empresarial no ensino público.

Para a professora, um debate como este alcança a própria noção de extensão. “A extensão não está nas comunidades”. Com esta afirmação, ela contesta o modelo extensionista que na verdade não passa de assistencialismo. Para ela, a extensão tem sido “secundarizada” (relegada a segundo plano), ao passo que deveria ser pesado fator na formação profissional, mas com outro olhar. Não tem sido fácil, mas ela diz que o Fórum tem conseguido realizar algumas discussões, inclusive com o Ministério Público. “O Fórum de pró-reitores de extensão tem conseguido avançar e ir além da visão ‘rondonista’, inclusive emplacando e fortalecendo políticas públicas, como o Proext”, comenta. O Proext é um Programa de Extensão Universitária do MEC que apoia, com bolsas, o desenvolvimento de ações extensionistas. Com os cortes do governo federal em anos passados, a UEL perdeu em infraestrutura (transporte) e política de permanência (bolsas).

### VISÃO DE MUNDO

“Foco na formação política e pedagógica” não é só o título da matéria, mas uma ideia central do projeto, afirma Adriana. “Uma formação política significa um posicionamento no mundo, uma concepção de mundo, de Humanidade e de educação. Conhecer práticas sociais é ter contato com um posicionamento claro das comunidades”, avalia. É uma questão de os alunos se verem como pedagogos (ou outros profissionais que eventualmente participam), fazerem uma leitura crítica e uma análise autônoma da realidade e das demandas sociais, terem consciência de classe e praticarem uma atuação “militante”, que busca a emancipação.

Atualmente, a professora Adriana conta com quatro alunas de graduação de Pedagogia, dos quais duas são bolsistas de Iniciação Científica (Capes) e uma é do PIBID. Outras duas são da pós-graduação, uma com bolsa da Capes.



### Expediente

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

Reitora: **Marta Regina Gimenez Favaro**  
Vice-Reitor: **Airton Petris**

**com** Coordenadoria de Comunicação Social

UEL - Campus Universitário - C.P. 6001  
CEP 86051-990 - Londrina, PR  
Contato: (43)3371-4361 e (43)3371-4115  
noticia@uel.br

Coordenação: **Beatriz Silvério Botelho**  
Edição: **José de Arimathéia**  
Redação: **Pedro Livoratti, Vítor Struck**  
Diagramação/Editoração: **Moacir Ferri**

# Percursos e percalços na habilidade de leitura

## Pesquisa interinstitucional envolve quatro estados e o DF na busca de evidências de validade de múltiplas variáveis associadas ao desempenho escolar na leitura

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Está em fase de encerramento um projeto de pesquisa intitulado “Desempenho escolar no ensino fundamental: variáveis relacionadas”, coordenado pela professora Katya Luciane de Oliveira (Departamento de Psicologia e Psicanálise). O estudo, que teve início em 2016, buscou mapear e explorar as muitas variáveis envolvidas no desempenho da habilidade de leitura de estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental em diante, até o Ensino Médio.

Uma série de testes, já consolidados pelos protocolos de pesquisa, foi aplicada ao longo do período, assim como foram analisadas estatísticas de outras pesquisas e observados aspectos como a consciência metatextual, fonológica e morfológica, que aponta para o entendimento do leitor para aquilo que está lendo, além da significação básica. Implica, na verdade, em falar do repertório cultural e linguístico do aluno leitor.

A professora Katya explica que é um projeto “guarda-chuva”, ou seja, sob ele vários subprojetos podem e foram desenvolvidos. O objetivo principal era diagnosticar e estudar a habilidade de leitura, bem como as estruturas de aprendizagem, os transtornos e dificuldades que eventualmente surgem, e a ação docente no processo de ensino e aprendizagem, que às vezes requer uma intervenção.

Embora o projeto tenha previsto inicialmente uma pesquisa com 600 alunos, o número extrapolou muito. Vale lembrar que o estudo envolveu, além da UEL, pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade São Francisco (SP), onde Katya fez seu Pós-Doutorado (2014). Só na Bahia foram cerca de 800 alunos. No Paraná, mais de 2 mil.

O que as pesquisas revelaram foram realidades diferentes, mas com aspectos recorrentes em todas. “Vimos problemas estruturais escolares, e até de políticas”, aponta a professora. Um destes aspectos, segundo ela, é a própria necessidade de realizar diagnósticos mais cuidadosos nas crianças. Isso quando são feitos, porque às vezes nem acontece. O ideal, diz ela, é uma ação em rede que olhe para a criança como protagonista de



*“Os problemas de leitura e matemáticos estão diretamente associados à baixa metacognição, isto é, aluno não percebe suas dificuldades, porque não ajustou seu comportamento para monitorar ou regular seu próprio processo de aprendizagem”, avalia a professora Katya.*

seu processo de aprendizagem.

Outro problema é o diagnóstico a partir de um “pacote” definido a priori, ou seja, ao menor (e impreciso) sintoma, a criança já é rotulada de disléxica, portadora de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), TEA (Transtorno do Espectro Autista) ou outro. Novamente, um infeliz resultado de um diagnóstico apressado ou superficial.

### VARIÁVEIS

Mas afinal, quais são estas tais variáveis que podem comprometer o desempenho da habilidade de leitura? Entre outras, são elas: problemas de atenção, de memória, falta de habilidade de resolução de problemas, dificuldade na compreensão do texto lido ou estratégias de aprendizagem mal focadas ou ineficientes. Tais estratégias são aquelas variadas formas usadas pelos professores e pelos alunos para desenvolver a leitura, como ler em voz alta, ler grifando o texto, fazer resumos, cópias, fichamentos, exercícios de interpretação, entre muitas outras. Para compreender tudo isso, os pesquisadores aplicaram vários testes, individuais e em grupo, em sala de aula ou fora dela.

Segundo a coordenadora do projeto, os resultados mostraram que, quanto maiores as dificuldades de leitura, maiores também as dificuldades em Matemática, e piores as estratégias de aprendizado verificadas. Os problemas de leitura e matemáti-

cos também estão diretamente associados à baixa metacognição, isto é, estudante não percebe suas dificuldades, porque não ajustou seu comportamento para monitorar ou regular seu próprio processo de aprendizagem.

Outra preocupação do projeto foi observar as convergências e discrepâncias psicoeducacionais no desenvolvimento das habilidades. Isso porque, de acordo com a professora Katya, nem sempre existe uma relação direta entre as variáveis e a aprendizagem. Quando há, dá-se a convergência; quando não, é uma discrepância. Um exemplo é a motivação, variável que pode ou não influir, e em contextos específicos.

### RETORNO ÀS ESCOLAS

A professora relata que o projeto encerra com uma profícua produção científica. Foram muitos artigos dos docentes participantes, de todas as instituições. Na UEL, alunos de Iniciação Científica (graduação) e de pós-graduação stricto sensu (Mestrado e Doutorado), todos bolsistas da Capes, produziram trabalhos. Aliás, Katya comemora a recém aprovação do Doutorado em Psicologia.

Além dessa disseminação, ela se preocupa em retornar todo o conhecimento gerado para as escolas. Afinal, para ela, não são apenas espaço de coleta de dados, mas de discussão

e aplicação dos resultados. “A pesquisa é para transformar e fortalecer. Investir na formação de professores e em estratégias eficientes de aprendizagem”, diz. Este retorno tem sido feito, por exemplo, durante as Semanas Pedagógicas das escolas.

### OUTRO PROJETO

Contemplada com bolsa produtividade (concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a pesquisadores de alta produção científica, tecnológica ou de inovação), Katya já está envolvida em outro projeto de pesquisa, sobre o cyberbullying nas escolas. O estudo é desenvolvido em seis escolas do município de Pitangueiras, a 64km a oeste de Londrina e pouco mais de 3 mil habitantes.

Lá, a pesquisa se debruça sobre as condições socioafetivas das famílias, a convivência na escola e os meios inerentes às crianças, tudo para aquilatar o impacto do cyberbullying nas escolas públicas. Um mapeamento está sendo feito e materiais como cartilhas serão produzidos. Além das mesmas instituições parceiras do projeto das variáveis, este conta ainda com um pesquisador (professor Leandro da Silva Almeida) da Universidade do Minho (Portugal), que orienta uma doutoranda. Também há alunos de IC, Mestrado e Doutorado neste projeto.



*“O ideal é uma ação em rede que olhe para a criança como protagonista de seu processo de aprendizagem”*

# A morte do eu, do meu e do teu

**Professor sênior se dedica ao estudo da morte na Literatura, mas acabou extrapolando para outras formas de arte**

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

**A** exemplo do que ocorre com outros docentes, o professor Almir Aquino Corrêa se aposentou pela UEL (2019), mas se mantém como professor sênior, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL). Com Doutorado na Espanha, e três Pós-doutorados (Canadá, EUA e Espanha), Almir é daqueles professores que olha para o mundo e automaticamente pensa em sua pesquisa. Em seu caso, é particularmente fácil, porque ele se dedica há mais de 20 anos ao estudo da morte na Literatura.

Almir conta que tudo começou em 2001, quando ele participava de uma reunião de pesquisadores em Colônia (Alemanha). Em visita a museus e outros espaços naquele país, ele viu representações do Homem de Neandertal e várias pinturas retratando a peste negra, além de cadáveres expostos. Foi o impacto desta experiência que o impulsionou para o tema da morte. “Nós nos preocupamos demais com a morte, e tentamos nos afastar dela. Por outro lado, cemitérios e catacumbas são pontos turísticos e de curiosidade humana”, comenta o professor. O cemitério da Recoleta (Buenos Aires) e as catacumbas de Paris são dois dos inúmeros exemplos de locais que atraem centenas de milhares de visitantes todo ano no chamado necroturismo.

Na Literatura, o pesquisador lembra que o primeiro grande texto a abordar a morte e as consequências para quem fica vivo é a Epopeia de Gilgamesh, um escrito sumério datado do século XX antes de Cristo. Outro destaque vem do dramaturgo grego Sófocles (século V a. C.), autor de Édipo Rei e Antígona, narrativas de mortes trágicas.

No PPGL, Almir ministra uma disciplina no Mestrado, oferecida a cada três semestres, intitulada “Formas e Motivos”, na qual realiza explorações



“Nós nos preocupamos demais com a morte, e tentamos nos afastar dela. Por outro lado, cemitérios e catacumbas são pontos turísticos e de curiosidade humana”, comenta o professor Almir

temáticas, como a morte e o feio nas obras literárias. Cada turma tem entre 18 e 25 alunos. Segundo ele, as turmas têm surpreendido com a vontade de debater e principalmente com os testemunhos, já que todos levam para a sala de aula experiências com a morte, mais ou menos diretamente. Resultado: já foram mais de 10 turmas, que geraram 11 dissertações e 6 teses. “E vem mais”, acrescenta o professor.

Com isso, o pesquisador acabou ampliando o foco, para estudar a morte não apenas na Literatura, mas também em outras artes, como a Pintura e a Arqui-

tetura. “Ela foi a primeira grande arte que ‘absorveu’ a ideia da morte, com as estruturas e suas significações”, diz. E explica: Um cemitério é, em seu sentido último, um lugar para dormir, até que chegue a hora de levantar novamente. Já “catacumbas” quer dizer “entre tumbas”, ou seja, lugares de morte definitiva.

## ORDEM NO CAOS

Com a morte lá em qualquer direção em que se olhe, Almir estabeleceu alguns critérios para determinar qual a leitura e qual o estudo a seguir. Chegou então a três categorias de morte nas artes: do eu, do meu e do teu. Exemplo do primeiro é o conhecido poema do romântico Álvares de Azevedo, intitulado “Se eu morresse amanhã” (publicado em 1853, postumamente), cuja primeira estrofe diz: “Se eu morresse amanhã, viria ao menos/Fechar meus olhos minha triste irmã;/Minha mãe de saudades morreria/Se eu morresse amanhã!”.

Um exemplo da morte do “meu” é a música “Naquela mesa” (1972), de Sérgio Bittencourt, dedicada a seu pai, Jacob do Bandolim, que diz: “Se eu soubesse o quanto dói a vida/Essa dor tão doída não doía assim/Agora resta uma mesa na sala/E hoje ninguém mais fala do seu bandolim/Naquela mesa ‘tá faltando ele/E a saudade dele ‘tá doendo em mim”.

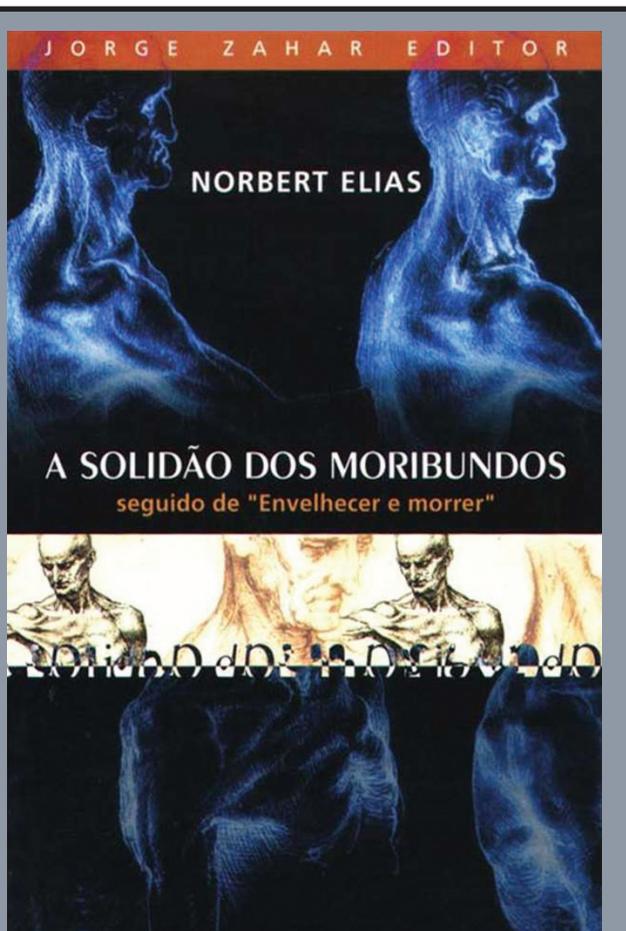
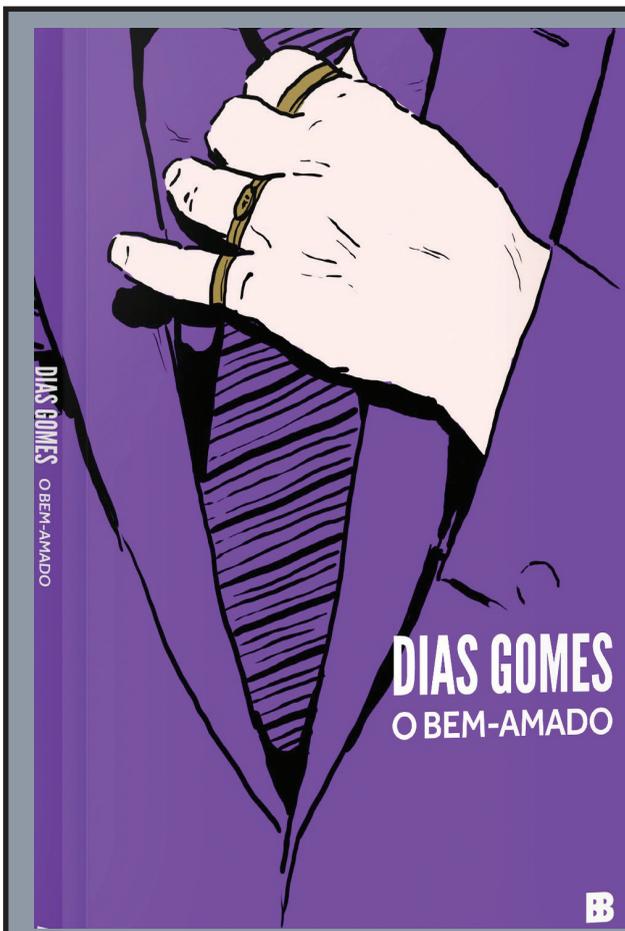
Outros exemplos mencionados pelo professor são Dom Casmurro (Machado de Assis), Paulo Honório (de “São Bernardo”, de Graciliano Ramos) e Riobaldo (Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa). A terceira é a morte do “teu” e envolve a ideia de alteridade e empatia, e neste aspecto a Literatura empresta ideias da Psicanálise.

Paralelamente, o professor Almir fala em uma outra categoria: aqueles que estão para morrer. A expressão é conhecida desde a Roma Antiga, quando os gladiadores cumprimentavam o imperador com o brado “Ave Cesar, morituri te salutant”, ou seja, “Ave César, aqueles que estão para morrer o saudam”. Na Literatura, o professor cita “O Diário de Anne Frank”.

Tem mais: o conceito de “deixado”, comum em casos de genocídios e holocaustos. A obra “É isto um homem” (1947), o autor Primo Levi, italiano de origem judaica, é um exemplo. Levado de trem a Auschwitz, ele sobreviveu, mas muitos outros nem chegaram vivos ao campo de concentração. Almir explica que nestes casos entra a chamada “culpa do sobrevivente”, um processo de luto cheio de culpa, do questionamento de ter sobrevivido quando tantos outros morreram, normalmente de forma violenta ou trágica. O professor lembra que este processo implica numa forma de “morte” e que superar a condição é como nascer novamente.

Já na literatura contemporânea, o pesquisador exemplifica com a obra “O pai da menina morta” (2018), de Tiago Ferro, que narra o processo de luto pela morte da filha de oito anos. A ficção mescla trechos de diários, e-mails, mensagens de aplicativos, com textos literários e letras de músicas sobre tal perda.

A lista de obras e autores de Almir é muito extensa. Ele mencionou escritores românticos, realistas, poetas do século XX, Shakespeare, Assis Brasil (Piauí), Lygia Fagundes Telles, Tolstoi, Drummond, Cornélio Penna, entre outros.



Enfim, existe uma infinidade de exemplos e percepções, e tem sido um desafio ao pesquisador lidar com todos eles. Só para dar um exemplo na Pintura, ele cita “O primeiro luto” (1888), do pintor francês William-Adolphe Bouguereau (1825-1905), que retrata Adão e Eva chorando por Abel morto. Almir interpreta que eles choram tanto pelo filho vítima quanto pelo assassino, e pelo fim violento do próprio futuro. E vale mencionar que o pintor havia perdido um filho pouco antes.

#### O QUE FAZER COM OS MORTOS?

O professor Almir observa ainda um outro ponto: o que fazer com os mortos? As pessoas não querem contato com eles. O livro “A solidão dos moribundos”, do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) trata disso: os vivos não conseguem lhes demonstrar afeto justamente quando este se faz mais necessário. E em viagem à Grécia, o pesquisador viu que não há mais lugar para enterrar os mortos, por isso existe um incentivo à cremação e a prática de trasladar os ossos, depois de um período determinado, para longe. Já se fala até em compostagem dos restos. Ou seja, os vivos têm compromisso com os mortos mesmo muito tempo depois, porque estes ainda são sujeitos de questões religiosas, éticas, sanitárias e jurídicas, entre outras.

Tais questões vão mais além, com o Estado, e não a Natureza, regulando quem está vivo e quem está morto. Duas situações ilustram a ideia: primeiro, as milhares de pessoas que precisam obrigatoriamente fazer a chamada “prova de vida”, ou seja, provar ao governo que estão vivas, para continuar recebendo um benefício do INSS. Em 2019, um senhor de 90 anos, muito debilitado, foi carregado até uma agência bancária, na Lapa (PR). Não aguentou o esforço e morreu quatro dias depois. O segundo exemplo é o da pessoa que, por algum equívoco, foi declarada morta e expedida uma certidão de óbito. Ela deverá provar com papéis que está viva.

No outro extremo, há a peça de Dias Gomes, “O Bem-amado” (1962). Ali, a caricatura de prefeito, Odorico Paraguaçu, enfrentava um problema oposto: queria inaugurar um cemitério, mas ninguém morria.

A pandemia recente também mexeu com todos,



Cemitério da Recoleta (Buenos Aires)

neste aspecto. Para Almir, ela revelou muitas falhas dos seres humanos. Demonstrou como a Ciência precisa de apoio, mas ainda vai levar um tempo para a arte retratar o ocorrido, porque ainda é muito recente. Porém, foi um período difícil para o processo de luto, pois velórios e enterros foram proibidos por um tempo. Não houve o rito de despedida adequado. “Como aceitar a morte de alguém sem o corpo para se despedir?”, indaga o pesquisador.

#### GRUPOS

Felizmente, se o trabalho é hercúleo, Almir não está sozinho. Ele conta que troca ideias com um grupo de pesquisadores da PUC-MG e outro da Bahia, e fala ainda de um grupo que estuda o suicídio na Literatura, em Campo Mourão. Ainda assim, o professor afirma

que, no fundo, o trabalho de pesquisador é solitário, mais ainda em assuntos tabus como estes. “Veja o caso do suicídio. Só de postar a palavra, o Facebook envia uma mensagem para saber mais sobre quem o fez, se não está se sentindo bem, por que abordou o assunto”, diz. Só que, como diz o professor, falar da morte é falar da vida, e estudar a morte é estudar o futuro.

Na UEL, além dos alunos da disciplina, o professor tem seus orientandos, que abordam a Literatura também em outros suportes, como a produção digital e sua estética. Isso inclui a poesia virtual háptica (tátil). O professor desenvolve ainda um projeto de pesquisa sobre elegias, cadastrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).



A epopeia de Gilgamesh gravada em pedra



Ilustração de Édipo enfrentando a Esfinge

# Junte-se ao clube!

## Professores criam Clube de Leitura para discutir Ciência com comunidade interna e externa e construir uma cultura de estudo e debate

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

A professora Christiane Frigerio Martins (Departamento de Física) fazia Doutorado na SISSA (Scuola Internazionale Superiore di Studi Avanzati), em Trieste (Itália), quando entrou em contato com duas novas: o também doutorando Pietro Chimenti e um Clube de Leitura. Muito comum por lá, eles ingressaram na UEL em 2015 com esta ideia. Ela coordena o projeto “Clube de Leitura da Física”, com participação de Pietro. Graduada e Mestre pela UEL, a professora conta que foi bolsista da Capes por nove anos.

Apesar do nome, não se trata de um clube que só faz leituras de Física, aberto exclusivamente a estudantes e profissionais do curso ou da área. Como projeto de extensão, ele é aberto a toda a comunidade, atua diretamente em escolas, não se restringe a temas da Física, e está em dia com o processo de curricularização da extensão. De acordo com o professor Pietro, a ideia é ampliar o público e o diálogo sobre Ciência através de uma comunicação de qualidade.

As leituras do Clube vêm de duas revistas semanais de linguagem abrangente e impacto científico: a Nature e a Science. São cinco temas: Ciência e Sociedade (o que inclui experiências pessoais de cientistas e pesquisadores), Meio Ambiente, Saúde (com acento no coronavírus durante o período pandêmico), Inteligência Artificial e Descobertas Interessantes.

As revistas saem na sexta, os artigos são selecionados no final de semana, e na segunda-feira os textos são enviados por e-mail aos participantes para serem lidos até quarta, dia da reunião para discussão, que ocorre das 13:15 às 14 horas. O professor Pietro explica que, por ter iniciado durante a pandemia, os encontros eram virtuais (via Zoom), e agora são híbridos. Ele observa ainda que nem todo material é acessível publicamente, mas o projeto consegue disponibilizá-los, inclusive traduzindo textos em inglês. Todos os interessados podem participar dos encontros virtuais.

Na avaliação da professora Christiane, o Clube constrói uma cultura de leitura e debate. É um canal informal de atualização do conhecimento e acaba montando uma referência de leituras para os estudantes e pesquisadores. Como há participação de alunos do curso e de outras instituições, os diálogos se ampliam e se enriquecem.

### DIVULGAÇÃO

Bárbara Nicole Rosa acabou de se formar em Física/Licenciatura mas continua ativa no Clube. Ela participa desde o início e é uma das responsáveis pelo Instagram do projeto (@clubefisicauel). Ela explica que os estudantes colaboradores seguem uma escala para cuidar da rede social



Professora Christiane: “as discussões são muito relevantes para o enriquecimento da formação e a ampliação do horizonte profissional”



“A ideia é ampliar o público e o diálogo sobre Ciência através de uma comunicação de qualidade”, defende o professor Pietro

e atuam na seleção de leitura, destacam algumas e sugerem outras, complementares. Também lá são postadas as traduções, feitas no final de semana, e com temas acessíveis. Bárbara já garantiu uma Bolsa Senai para Mestrado.

Gabriel Capelini Magalhães também é recém-formado na Licenciatura em Física, é concluinte no Bacharelado, e é o ingressante mais recente no projeto. Foi bolsista PIBID da Capes (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e é atual bolsista da FAEP/UEL (Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão). Para ele, é muito interessante entrar em contato com outros saberes, numa perspectiva interdisciplinar. É algo que ele levará para a atuação profissional.

Na avaliação de Maria Vitória Lazzarin, que está no último ano da Física/Licenciatura, a importância dessa interdisciplinaridade está além da ampliação dos conhecimentos: o Clube conecta a Física com outras áreas.

Todos são bolsistas de extensão e concordam, ainda, que as redes sociais são uma ferramenta

com grande alcance, com a vantagem de deixar o material disponível por muito tempo, para quem não conseguiu participar dos encontros ou ler os textos logo que postados. O interesse da comunidade é grande e o meio é efetivo, segundo Bárbara.

A divulgação também acontece via cartazes pelo campus, e está sendo ampliada pela visita dos estudantes da equipe em escolas. Além de levar a Ciência até lá, o objetivo é despertar o interesse dos alunos pelo curso de Física que, segundo a coordenadora do projeto, tem inúmeras possibilidades interessantes de atuação profissional, além da área acadêmica. Os encontros nas escolas também falam sobre os artigos científicos, como se caracterizam, e o processo de produção.

A professora Christiane acrescenta que as discussões são muito relevantes para o enriquecimento da formação e a ampliação do horizonte profissional. Ela constata uma boa interação entre os participantes do Clube e enfatiza: os professores também aprendem, e muito, com os alunos. “Eles são parte fundamental da equipe e agradecemos muito a sua atuação”, diz.



Maria Vitória (5º ano), Bárbara, já formada, e Gabriel, bacharel e concluinte da Licenciatura

# Eduel lança livro em formato de HQ baseadas em contos da Londrina do café

MIRIAN PERES DA CRUZ

**P**ersonagens da Londrina do período áureo do café, o chamado “ouro verde”, ganham vida nas histórias em quadrinhos (HQs). Esse é o mais novo lançamento da Eduel, o livro Londrinenses: pés vermelhos em quadrinhos – Marcelo Galvan e Maurício Arruda Mendonça, 2023, 70 páginas – categoria arquivo e memória. As histórias em quadrinhos foram idealizadas e ilustradas pelo quadrinista Marcelo Galvan. Ele é professor de Artes na rede pública do PR e desde criança gosta de desenhar.

Segundo ele, os contos passaram por um processo criterioso de adaptação.

Os três contos que deram origem às HQs – “Asas da morte”, “Cantor de Boate” e “Esposa mascarada” – são de autoria de Maurício Arruda. Os contos têm como cenário a Londrina das décadas de 1930, 1940 e 1950. Eles foram publicados no jornal Folha Norte de 2007 a 2008. Mais tarde, em 2009, eles foram reunidos no livro “Londrinenses”, juntos com dezenas de outros contos.

“Encontrei na Biblioteca da escola o livro Londrinenses de autoria do escritor Maurício Arruda Mendonça. E lendo o livro percebi que era o quadrinho perfeito e isso ficou na minha cabeça”, conta Marcelo. Em paralelo à produção dos quadrinhos, Marcelo manteve contato direto com o autor dos contos. Ele conta que as ilustrações exigiram dedicação e tempo de produção, sem deixar de lado o cuidado de preservar a origi-

nalidade de cada história. “Tentei ser fiel ao texto do Maurício”, diz ele.

Sem dúvida, o livro conduz o leitor à Londrina do período áureo do café, época em que surgiram no imaginário londrinense personagens da vida boêmia e mateira da região.

“As histórias precisam ser contadas e os contos são perfeitos para isso, porque evocam essa atmosfera do início da cidade”, aponta Marcelo.

## TRÊS CONTOS

Tendo como cenário a Londrina à época já conhecida como “capital do café”, os contos são criados a partir de cenários e personagens característicos do período. O primeiro conto, “Asas da morte”, ambientado em 1932, é a história do encontro entre o engenheiro inglês, R.H. Leyton e o caboclo, típico da região, que ganhou o apelido de “monkeyman”.

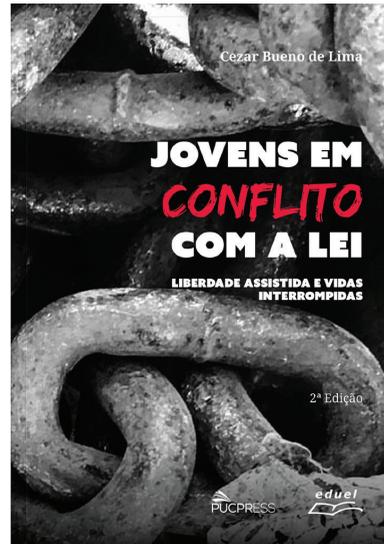
Já o conto “Cantor de boate” é a história de um cantor, figura constante na noite londrinense dos anos 40, e a amizade dele com um jovem chamado Altair, que vai viver na cidade porque detestava a vida na roça. Juntos eles vivem várias aventuras.

E, por último, o conto intitulado “Esposa mascarada”, que é sobre a vida a dois de Afonso Prates e Maria Cláudia. Eles viveram felizes no primeiro ano de casamento em uma residência no Jardim Aeroporto, mas após a mudança de comportamento de Afonso, a vida do casal toma um rumo inesperado.

## PRATELEIRA



### Conheça livros publicados pela Eduel!



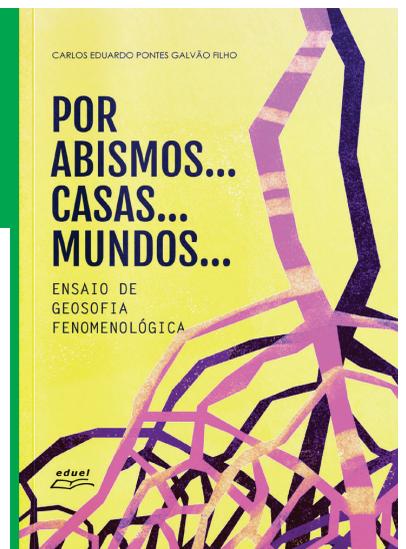
**Jovens em Conflito com a Lei: liberdade assistida e vidas interrompidas - 2ª edição.**

Autor: Cezar Bueno de Lima, 2ª edição, 2019.

O livro traz reflexões teóricas e estudos de caso acerca dos adolescentes em conflito com a lei. São jovens que têm características comuns, como a pobreza, o confinamento nas periferias, o envolvimento com roubos, furto, tráfico e consumo de drogas. O autor aponta que a situação de família desestruturada, a evasão escolar e o envolvimento com drogas são condições que amplificam a certeza jurídica e psicossocial da ação poluidora dos jovens infratores, fortalecendo o histórico que recobre a regularidade das práticas discursivas nos tribunais juvenis. Já com relação ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que completou 33 anos em julho deste ano, o autor considera que o ECA representa uma conquista democrática em relação às legislações anteriores.

### Por abismos...Casas... Mundos...: Ensaio de Geosofia Fenomenológica

Autor: Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho. 2019, 116 páginas.



No livro, o autor lida com o tema central: viagem, a partir de uma perspectiva acadêmica que tem ligação com o pensamento geográfico do início do século XX. A pergunta que inspira é: “Que é viagem?”, provocando uma série de deslocamentos no leitor, entre áreas do conhecimento, lembranças e experiências, entre si e o mundo. A obra, de interesse das áreas da filosofia, turismo, história e ciências sociais, é resultado da dissertação de mestrado em Geografia, defendido pelo autor em 2016, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

### Eduel lança agendas permanentes



As agendas são úteis para organizar as tarefas e compromissos diários no trabalho, escola e faculdade. Produzidas por estagiários do curso de Design Gráfico, elas têm design criativo e único.

As duas opções estão à venda no site da Eduel – [www.eduel.com.br](http://www.eduel.com.br) – e na Livraria da Eduel, no Campus Universitário, com preço promocional de lançamento – R\$60,00 (colorida) e R\$45,00 (P&B).

**Garanta já a sua!**

#### Contatos Eduel

A Livraria fica no Campus Universitário e funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 19h. Telefone: (43) 3371 4691 ou e-mail: [livrariaeduel@uel.br](mailto:livrariaeduel@uel.br).

#### Sobre a Eduel

Criada em 1995, a Eduel é uma editora universitária que publica livros em seis linhas editoriais: Livros Acadêmicos, Arquivo e Memória, Diálogos Pedagógicos, Infantojuvenil, Expressão Artística e EAD. A Eduel é filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e Câmara Brasileira do Livro (CBL).



# Confie desconfiando

**Laboratório visa promover a conscientização da população quanto aos riscos e ameaças na Internet e disponibilizar ferramentas de proteção e segurança digital**

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

O Núcleo de Combate aos Crimes (Nuciber), de Curitiba, registrou, em 2019, perto de 4 mil atendimentos, apenas em sua área de abrangência, a capital do estado. Em 2021, no período pandêmico, foram quase 17 mil. Como afirma o advogado e especialista em Direito Digital, Fernando Peres, “as pessoas estavam em casa, e os criminosos também, aprimorando seus golpes pela Internet”. Como o Nuciber de Curitiba é único no estado, Peres protocolou, há um ano, um pedido na Secretaria de Estado da Segurança Pública para a instalação de outra unidade em Londrina. Ainda não aconteceu.

Por outro lado, Peres participa do projeto de extensão “Laboratório de Pesquisas e Estudos de Crimes Cibernéticos (Cyberlab)”, coordenado pelo professor Rodolfo Miranda de Barros, do Departamento de Computação. Entre os objetivos, está o de promover a conscientização da população em relação aos riscos e ameaças vinculadas à Internet no intuito de assegurar maior segurança digital e privacidade de dados pessoais. Para isso, o projeto atua em 20 escolas municipais de Londrina.

Os crimes pela Internet aumentam em número e formato conforme a tecnologia avança, daí a necessidade de desenvolver políticas e procedimentos preventivos de segurança, tanto pelas autoridades quanto pelas empresas e instituições, assim como pelos usuários individualmente. De acordo com Peres, os crimes são dinâmicos e exigem atenção e cuidados o tempo todo. Ele lembra, dando exemplo com compras virtuais, que muitos “sinais” de segurança – como o desenho do cadeado ou uma tarja de “compra segura” podem ser facilmente simulados pelos criminosos. Peres informou que quase dois terços dos crimes virtuais no biênio 2021/2022 foram estelionatos, ou seja, golpes para tirar dinheiro das vítimas. Aliás, segundo o advogado, este crime aumentou 200% no Paraná no referido período.

Porém, existem outros crimes, como ameaça, falsidade ideológica e crimes contra a honra (calúnia, injúria e difamação). Ou, como diz Peres, “velhos crimes em novos meios”. Mas não só: invasão de dispositivo informático (Código Penal, artigo 154-A) foi tipificado em 2012.

Parte do problema está na exposição de dados pessoais, facilmente en-



O advogado Fernando Peres e o professor Rodolfo de Barros: para evitar os crimes, os usuários precisam ter uma espécie de maturidade digital

contrados nas redes sociais. A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), de 2018, veio para limitar e proteger os cidadãos. Mas, por outro lado, existe a Lei da Transparência (2011), que expõe até a remuneração de milhares de pessoas. E pedir uma certidão negativa de outra pessoa ou empresa, ou o famoso “nada consta” para um contrato? O advogado explica que a legislação deve ser aplicada linear e sistematicamente, pois uma lei não prevalece sobre a outra, mas restringem ou permitem em conjunto.

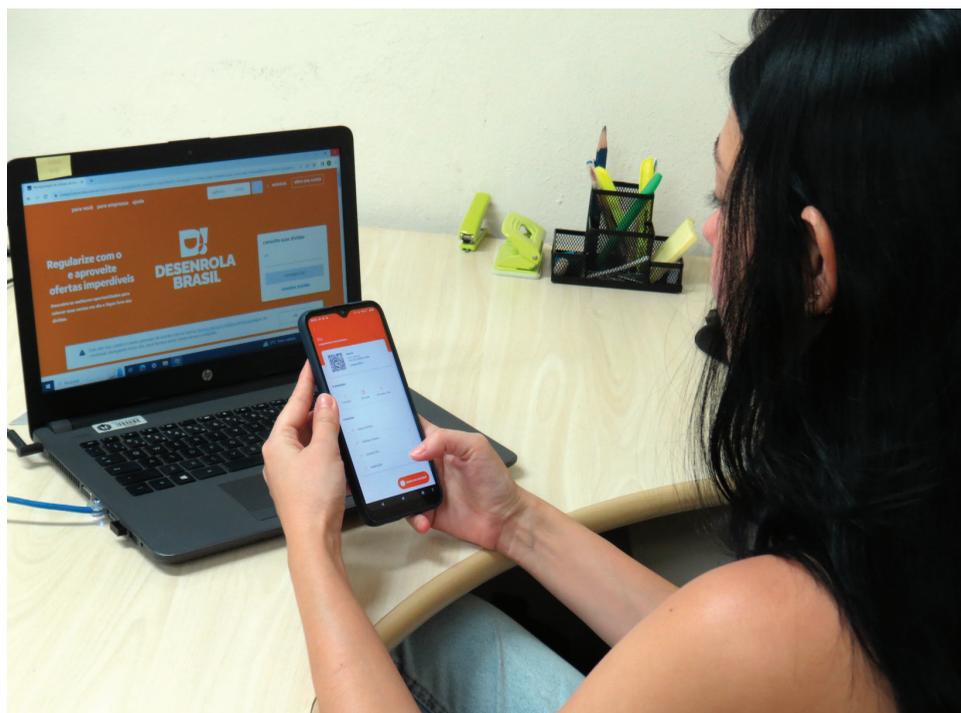
## MATURIDADE

Para os participantes do projeto, não cair nos golpes da Internet tem a ver com uma espécie de maturidade, ou seja, a capacidade de avaliar as situações e não se deixar atrair por propostas e cenários fáceis ou muito convenientes. “As pessoas são dependentes e vulneráveis às informações da Internet. A pandemia acentuou isso, pois elas passaram a procurar informação principalmente pela rede, e muita informação falsa circulou junto”, explica o advogado. E continua: “Por outro lado, as pessoas compram por impulso, creem que descobriram uma rara oportunidade, e se caem em algum golpe, sentem vergonha de admitir e procurar ajuda, e escondem o ocorrido de todos, dando por perdido e pronto”.

Esta maturidade, segundo Peres e o professor Rodolfo, está associada à desconfiança. Mas muito além daquilo que é propagado como “sinais de segurança”, como um número de CNPJ ou endereço físico de uma loja

virtual. O advogado dá um exemplo: uma pessoa recebe uma mensagem escrita de um número conhecido pedindo dinheiro. Para confirmar, ela pode responder e pedir um áudio, para verificar se foi mesmo o conhecido que enviou.

Claro que até isso pode ser simulado. Peres mostrou casos em que a biometria facial (usada em portarias de condomínios e aeroportos, por exemplo) foi facilmente simulada. O mesmo com biometria digital (dos dedos). A ideia, então, é fazer várias, diferentes verificações. Por isso, a recomendação básica é: desconfie. Começa com uma intuição, mas deve ir bem além: faça múltiplas checagens. Não se preocupe se parecer incômodo. Insista.



A ideia é fazer várias, diferentes verificações, múltiplas checagens. Por isso, a recomendação básica é: desconfie

## TUTORIAIS E CARTILHAS

No Cyberlab, os participantes desenvolvem ou ainda desenvolverão uma série de atividades, como leituras, pesquisas de campo (questionários), entrevistas com especialistas, discussão de casos, e a elaboração de materiais educativos para a conscientização e prevenção em torno dos crimes cibernéticos. Flyers, cartilhas (impressas e digitais), softwares, tutoriais, aplicativos móveis, são alguns que já estão sendo ou serão criados. Visitas e conversas nas escolas também estão sendo feitas. Para o futuro próximo, abrir um canal de comunicação virtual e prestar orientação a toda a comunidade. Fisicamente, o Cyberlab funciona junto com outro Laboratório da Computação, o GAIA.

Para o coordenador do projeto, o Laboratório representa uma bem-sucedida convergência da necessidade de prevenção a tais crimes, a expertise do advogado especialista e o interesse dos alunos do curso de Computação. “Eles demonstraram verdadeiro entusiasmo pelo projeto”, comenta o professor Rodolfo. Também são objetivos do projeto formar profissionais capacitados para atuar em áreas relacionadas à segurança digital e à privacidade dos dados dos usuários, e incentivar a pesquisa na área.

No momento, o projeto conta apenas com alunos de graduação, mas logo chegará um mestrando com bolsa da CAPES. Além disso, alunos do curso de Design Gráfico participarão da produção dos materiais. E ainda, o professor Rodolfo acrescenta que o projeto procurará parcerias para expandir.